

AS INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS NA POESIA DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Foreign Influences in the Poetry of Álvares de Azevedo

José Osmar de Melo ¹

RESUMO: Este ensaio tem por objetivo analisar a poesia romântica de Álvares de Azevedo a partir da perspectiva da influência da literatura estrangeira, sobretudo a de Byron, sobre sua produção poética.

Palavras-chaves: Álvares de Azevedo, *Lira dos vinte anos*, desespero, ultrarromantismo, byronismo, pessimismo.

ABSTRACT : This paper intends to discuss the romantic poetry of Álvares de Azevedo from the perspective of the influence of the foreign literature, above all the one of Byron about her poetic production.

Keyword: Álvares de Azevedo, *Lira dos vinte anos*, despondency, ultra-romantism, pessimismo.

¹ Professor de Língua Portuguesa, Filosofia e Introdução à Metodologia Científica na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG
Pesquisador do LABELLE, no Instituto de Letras da UERJ.
Pós doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ
joseosmarmelo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Sílvio Romero (1953) informa que o tempo de Álvares de Azevedo foi, especialmente em São Paulo, uma fase de agitação, de liberalismo, de entusiasmo, de movimento, de ideias e opiniões. Ali, em conformidade com o crítico literário, se acharam reunidos aqueles moços que levaram por diante dois dos maiores fenômenos da literatura da época: a cor local e a ruptura com as influências da Literatura Portuguesa.

Inclusive, na obra de Álvares de Azevedo, por exemplo, esses dois fenômenos são patentes: por um lado, ele é um produto local, indígena, filho de um meio intelectual e de uma academia brasileira; por outro, ele nos arranca de uma vez da influência exclusivamente portuguesa. (ROMERO, 1953)

Ao que parece, a segunda parte da afirmação do crítico desmente o seu primeiro juízo. Certamente, o determinismo crítico positivista de Taine, muito em voga no século passado, e profundamente arraigado no espírito de Sílvio Romero, teria levado o autor a considerar a obra de Álvares de Azevedo um produto local e indígena.

Diferentemente de Sílvio Romero (1953), Eugênio Gomes (1961) não viu nenhum sentido no fato de o poeta ter ido buscar na obra de Shakespeare a epígrafe para o poema “Cantigas do sertão”. Segundo ele, mesmo quando escrevia sobre o sertão brasileiro, tema pouco explorado na sua obra, Álvares de Azevedo tinha o espírito voltado para a literatura estrangeira. É o que veremos a seguir.

II. As influências estrangeiras e a forte presença do byronismo na obra de Álvares de Azevedo.

Álvares de Azevedo representa realmente a primeira afirmação do individualismo romântico no Brasil. Devido à sua imaturidade, o individualismo estava nele representado por uma liberdade de espírito que os seus predecessores não conheceram ou não ousaram ter. Sobretudo quanto à influência da literatura portuguesa, cuja exclusividade ainda predominante em sua época ressurgiu sensivelmente, procurando abrir de qualquer modo a inteligência a todos os portos da cultura universal.

A nossa emancipação poética da tradição clássica surgiu, ao que parece,

francamente de seus versos, mediante os quais ele desvendou os horizontes de nossas letras, possibilitando-lhe novas e ilimitadas perspectivas, uma vez que sua poesia foi um grito de independência. Consiste nisso a mais significativa peculiaridade de sua atitude intelectual.

Álvares de Azevedo travou intenso contato com Byron, Musset, Shakespeare e Victor Hugo. E os traduziu por inteiro. Além desses românticos, Álvares de Azevedo frequentou com assiduidade Lamartine, Shelley, Heine, Vigny e Ossian. Jamais abandonou esses mananciais. Porém, Byron, dentre os demais, foi quem mais influenciou a criação e a concepção de mundo de Álvares de Azevedo. O poeta assumiu, de tal modo, a filosofia do byronismo que acabou por pagar um alto preço por isso, já que ela o encaminhou, paulatinamente, para a autodestruição.

Inclusive, a marcante presença da morte na poesia de Álvares de Azevedo revela-se como uma influência genuinamente byroniana. Essa inclinação temática não domina só a obra do poeta, como também lhe domina a vida.

Sob a influência do pessimismo mórbido de Byron, a ideia da morte sempre perseguiu Álvares de Azevedo. E

era mais evidente que a possibilidade material, pois não havia doença de que se queixasse. As apreensões e angústias ditavam versos lamentosos, que mais tarde encontraram eco na realidade:

Quanta glória pressinto em meu futuro
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderia chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
(AZEVEDO, S/D, p. 57)

Nas constantes e melancólicas elucubrações, fechado em si mesmo, isolado da sociedade, concentrado no próprio eu, Álvares de Azevedo, sofrendo do mal do século, e, em estado geral de infelicidade e insatisfação, passou a aguardar a morte como visita que não faltaria em breve tempo:

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro.
(AZEVEDO, 1982, p. 118)

Pouco antes de morrer, o poeta parece pressagiar-lhe o próprio perecimento ao escrever:

Se eu morresse amanhã viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
(AZEVEDO, S/D, p. 57)

E ainda outra vez infeliz, aziago,
reitera:

Já de morte o palor me cobre o rosto
Nos lábios meus o alento desfalece.
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgostoso!
(AZEVEDO, 1994, p. 211)

O poeta ultrarromântico encarnou o byronismo até o fundo da alma. O desencanto foi aos poucos dominando o seu estado de espírito, passando a visitá-lo sem longas interrupções. E não acontecia sem motivo: o pressentimento da morte mais e mais invadindo os dias do poeta, e com tanta insistência, a ponto de se confundir com a certeza. Seria a vida estrangulada quando mal nascia a consciência de sua significação. Todos os caminhos sonhados, rasgados pela imaginação, estariam fechados e destruídos. Todas as aspirações perdidas para sempre, destruídos todos os planos, tantos sonhos de glória e realização artística interrompidos.

A natureza foi-lhe pródiga em poder de criação e dons de inteligência, pois o poeta chega mesmo às raias da genialidade. Ela lhe concedeu ainda a intuição e a antecipação no conhecimento, no entanto, o pessimismo, as contradições da alma e os paradoxos do pensamento secam-lhe o

ânimo vital, destroem-lhe o corpo e lhe envenenam a alma. Uma força maior que sua vontade lhe dizia que não adiantaria resistir; sentia perder o que no fundo do peito faria o possível (se pudesse) para não deixar escapar. Resistia, às vezes, mas desesperando, sabendo que a resistência não lhe traria a convicção de que se afastaria a sombra que avançava ao seu encontro. Ao contrário, o conhecimento da verdade – da verdade de seu destino – se ia aprofundando, como gume da lâmina na carne da vítima.

Álvares de Azevedo era em pessoa o ceticismo, a desesperança, o tédio da vida e a procura da morte. Era uma figura deprimente. Vez por outra, manifestava ânsia de viver, repudiando a ideia de morrer. E caía na contradição, na dialética existencial, onde a ânsia de morrer falava mais alto. E bendizia a morte. Para o poeta, só ela poderia solucionar-lhe todos os problemas.

Apreendeu o sentido da existência, inclusive o seu sentido trágico, na idade em que os homens se escondem na indiferença ou no esquecimento daquilo que é perecível e precário em seu destino. A natureza, pródiga com ele em dons de sensibilidade e em faculdades intelectuais, deu-lhe a percepção dos

fenômenos naturais e sobrenaturais que criam e, ao mesmo tempo, destroem a criatura humana.

Na fase do instinto se sobrepondo aos demais impulsos, ele concebia o amor em profundidade; no período em que deveria esperar a vida, ele se preparava para enfrentar a morte; na idade em que os livros são mais imposição do que prazer, para ele eram o próprio sentido de viver e respirar. Se a vida lhe concedeu possibilidades mentais extraordinárias, é natural que as utilizasse para investigar os seus mistérios, consciente do que poderia fazer e realizar quando vivesse o necessário.

Pressentindo-se sentenciado por uma estranha fatalidade, só lhe restava desesperar. “Que fatalidade, meu pai!” Foi o seu canto de cisne, carregado da terrível percepção da própria perda e do esperado malogro.

Se uma voz lhe anunciava um acontecimento infausto, e outra lhe indicava uma trajetória de escolhido dos deuses, o poeta não atinava com a lógica do que estava pressentindo. Fatalizava-se antes do meio do caminho. O veio criador, que sentia transbordar antes do tempo sazonal, não encontraria a expressão definitiva nem se amoldaria à

experiência humana, que depura e cristaliza. Estaria aí uma das fontes do seu drama de condenado à morte prematura, de onde sairia para a descrença, às vezes sardônica, quando não era lamentosa; para a nostalgia do que deixou de vir e do que não viria; para a agonia de um tormento, de que só se desprendia para o mergulho, ainda que intermitente, no que ele mesmo chamou de utopias.

Vivia entregue a um temor invencível, pois o que prenunciava no tocante às suas derrotas só lhe causava espanto. A insistência dos presságios deixava-o em estado de choque emocional, amarrado à ideia fixa da morte chegando; e é quando encontraremos a razão de toda a energia do seu canto, trespassado de autenticidade dolorida. Temperamento excitável, propendendo às reações de caráter mórbido, teria de se expor às doenças de fundo patogênico a que não pôde escapar. Na sua psique de introvertido, tal temperamento se oferecia como ponto vulnerável, ou zona de fácil contágio, exposta às piores incidências.

A parte amorosa de sua poesia traz a ela um laivo de tristeza, que é contagiante. O seu lirismo é saudoso,

cheio de mágoas, para quem o objeto da sua contemplação e dos seus anseios está sempre distante, longe das mãos e da respiração.

Ai! quando de noite, sozinha à janela
Co' a face na mão eu te vejo ao luar,
por quem suspirando tu sonhas,
donzela!

A noite vai bela
E a vida desmaia
Ao longo da praia do mar.

Donzela sombria, na brisa não sentes
A dor que um suspiro em meus lábios
tremeu?

E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que fala-te a sós
Sou eu?
(AZEVEDO, 1982, p. 32)

Suscetível por demais aos estados doentios que o assaltaram e lhe cercearam o impulso de viver normalmente, esmagando-lhe as forças criadoras em pleno início de eclosão, reagiu com lágrimas e também algumas vezes com certo cinismo meio imitado dos Byron e Musset desalentados. Byron guardava no peito uma chaga dorida e funda. E Álvares de Azevedo bebeu na sua fonte, contraiu sua doença e a curtiu profunda e sinceramente até a morte.

Byron era cria de Voltaire. Os poemas do bardo inglês são o espelho para toda a sua época. A filosofia byroniana acabou por jogar nosso poeta

no precipício. A filosofia byroniana estabelecia o axioma do ceticismo até as últimas consequências, e Álvares de Azevedo o viveu até as últimas consequências. Talvez daí a riqueza de sua poesia. Digo isso porque toda experiência vivida profundamente costuma gerar grandes obras. A esse respeito, Nietzsche dizia que “se uma árvore quer atingir o céu, suas raízes precisam aprofundar-se até o mais profundo inferno”. Ao que parece, esse é o caso do autor de *Macário*.

Álvares de Azevedo criou uma grande obra, indo ao fundo do poço. As obras de arte nascem sempre de quem foi até o extremo de uma experiência (ou do sofrimento), até o ponto que nenhum ser humano pode ultrapassar. Quanto mais longe a levamos, mais própria, mais pessoal, mais única se torna uma vida. Álvares de Azevedo levou a experiência byroniana até o extremo e, praticamente, de uma maneira camuflada, se matou.

Shelley, outro poeta que Álvares de Azevedo frequentou com assiduidade, era, também, demasiado cético. Sua descrença é desnuda e macilenta – fria como um túmulo. É o cético apertando com os braços no peito vazio a coroa seca das esperanças descritas. Morreu tísico. Nos olhos acesos de um lume

estranho, na feição cadaverosa daquele rosto não havia só gravado o desnervar de um organismo insanável; naquela palidez havia mais: era uma febre que tinha chegado no seu esgar à calmaria que preludia no seu abafamento as tormentas do coração.

Musset, que muito influenciou Álvares de Azevedo, possuía uma descrença mais suave, mais aérea, de uma melodia que canta intimamente como um lamento em surdina. Sonhou mais do que sofreu; teve agonias; mais agonias no cérebro do que no coração. Foi ao amanhecer de um sonho assombrado pelos cantos de D. Juan de Voltaire que ele acordou incrédulo.

Byron, especialmente Byron, Musset e Shelley foram inspiração para Álvares de Azevedo; mas, também, foram a taça de veneno. Eles o mataram.

Álvares de Azevedo sorveu todo o amálgama de sentimentos e atitudes que se vinham caracterizando desde as primeiras irradiações do Romantismo; nele se fundiu, unificando-se e criando raízes. O que havia de mimetismo em seu comportamento lírico e humano não era mais que a infiltração numa sensibilidade vulnerável, do clima, da concepção do mundo, das emoções com que se vinha afirmando uma geração,

cujo grito lancinante sacudiu e comoveu um longo período do século dezenove.

Assim, Álvares de Azevedo era a própria permanência da atmosfera de desânimo, angústia, ensimesmamento, ceticismo e pânico, oriundos das indelévels influências de Byron e de Shelley, passando por Lamartine e Musset, atingindo a segunda geração do Romantismo brasileiro, sobretudo os que estudavam Direito em São Paulo.

Nesse caso, Álvares de Azevedo não saiu ileso das leituras desses desenganados, sendo, por isso mesmo, o representante máximo de uma geração que foi, brutalmente, atingida pelo mal do século.

Em Álvares de Azevedo, mais ainda que na própria terra de origem, o Ariel e o Demônio do Romantismo se associavam conflitadamente (Byron e Shelley). Por isso mesmo, o poeta sempre se alternava entre as reações e manifestações mais contraditórias e antagônicas, padecendo as tensões de sua própria mobilidade, de sua surpreendente instabilidade.

Álvares de Azevedo era tão triste nos motivos humanos e espirituais que seu riso galhofeiro e desbragado, presente em alguns poemas, não nos convence, de modo algum. Parece que

escapava para a troca por esforço um tanto arbitrário, organizando com ela suas próprias defesas, faltando-lhe talvez nessa reação idiossincrática a espontaneidade e naturais expansões. Era decerto um recurso contra a presença da dor vivente, parecendo contrafação psicológica, ao invés de explosão incontrolável, lembrando mais histeria introjetada e logo reprojeta em assomos chocantes.

Quando se deixa tomar por esses assomos de distorção moral, sua poesia repercute dissonantemente, intercalando-se com outras notas que nele se distribuem sem que seja violentado o ritmo da mudança de um estado a outro estado espiritual. Não consigo encontrar harmonia e atração maior nessas produções mais hilariantes e jogralescas, vendo-as embora como fuga artificial, por certo explicável dentro do seu caótico processo interior, tão atordoado quanto atordoante.

Essa distorção moral será, sem dúvida, um aspecto a mais para a interpretação e a devida compreensão do seu desespero existencial, ainda presente em nossa nostalgia literária, principalmente na alma dos poetas que se deixam apossar pela revolta metafísica.

O desespero existencial de Álvares de Azevedo, aguçado e extremado pelo sentimento romântico que tanto oscilou entre zonas de luz e sombra, ainda rebate em nosso tempo, podendo ser avaliado e captado em plenitude, apesar de serem outras as motivações e outros os nossos condicionamentos culturais, morais, estéticos, sociais, políticos, históricos e econômicos.

Será também mais um roteiro para o intérprete que se disponha a penetrar as tramadas angústias e perplexidades do poeta, e saiba saborear as vibrações de uma individualidade criadora que reativamente padeceu as repressões e limitações do tempo que lhe foi dado viver e do meio que irrompeu como flor exótica de criação e sensibilidade.

As manifestações irônicas de sua verve poética, sobre as quais nos referimos anteriormente, já trazem outra marca, sendo linha de passagem entre os estados contrários e adversos. O humor assim estimulado pelos acessos de descrença foi, de fato, em Álvares de Azevedo, uma doença romântica, ao que parece, influência de Byron e de Heine. Atitude, é claro, que não resistiu à dor vivente de quem sentiu o abismo sob os pés – seu arremedo cruel, seu mimetismo trágico, sua risada contrafeita. Antes do

riso e da ironia, estava sempre a mágoa, como nos seguintes versos:

Sonhou - amou - cantou! em loucos versos
Evaporou a vida absorta em sonhos -
E debalde! Ninguém chorou-lhe os prantos
Que sobre as mortas ilusões já findas
Pálido derramara -
Amou! e um peito
Junto ao seu não ouviu bater consoante
C'os amores do seu! Ninguém amou-o
Ninguém as mágoas lhe afogou num beijo!
(AZEVEDO, 1982, p. 68)

O lirismo mais sincero de Álvares de Azevedo estava na tristeza fluindo naturalmente, sem dissimulação nem contrações. Sem disfarces nem sarcasmo. A mesma que o acompanhou nos devaneios de amoroso inibido e esquivo. Nas efusões panteístas. No augúrio da morte. Mais cerebral e intelectual será, sem dúvida, a sua face demoníaca, a mesma que fez com que Ronald de Carvalho o associasse a Leopardi e a Heine.

Sopesando-se o que na parte byroniana de sua poesia possa denunciar origens ou adoções estranhas, encontraremos também a sua contribuição, a sua marca, mesmo no que haja de reflexivo; isso sem nos referirmos à personalidade dos poemas

mais visivelmente carregados das soluções e da temática do Romantismo.

Tudo será mais bem compreendido desde que cheguemos a um conhecimento maior do drama do poeta, humano apenas nas implicações e consequências desastrosas que se seguiram. Será antes o drama de quem sofreu mais no espírito do que na carne: drama dos angustiados sem salvação, das vítimas do desespero existencial do Romantismo. Tivemos aqui os nossos doentes daquele “mal do século” tão decantado, e que não foi somente imaginário como se depreende pelas tumbas que produziu. Certo é que quase todos morriam cedo, e nesse rol entraram alguns de genialidade presumida. Ele, o mais jovem entre os brasileiros que morreram antes dos vinte e cinco anos.

O nosso caso mais típico, mais representativo, foi mesmo Álvares de Azevedo, cuja tristeza persistia até nos intervalos mais aliviados, nos pedaços de tempo concedido às “*intermittences du coeur*” de que falava Proust ou nos minutos de aparente recomposição interior.

Nenhum dos nossos românticos se entregou tanto à sua dor, ao seu individualismo, aos seus próprios fantasmas, como Álvares de Azevedo.

Todos os outros bandeiram para novas fontes de criação poética, em que se distinguiram e se afirmaram; menos ele, que quase não saiu do círculo de seu tormento metafísico, projetando a sua sombra na vida da nossa poesia, onde continuará único e isolado, a renovar o nosso espanto.

A afirmação de sua individualidade estará principalmente nisso: ter conseguido impor a tantas gerações que já se sucederam depois dele, a sua presença de egocentrismo, de subjetivismo exacerbado, que fez sua dor maior que o mundo. Muito maior.

A alta qualidade lírica de sua poesia, aliada a uma realização estrutural visível (se não esquecermos os seus vinte anos), não o incompatibilizou com o sentimento do ritmo com a translucidez verbal que o torna descritivo e velado ao mesmo tempo. Embora se tenha definido contra “o tedioso emendar que gela a veia”, construiu com bom gosto e consciência formal os seus poemas, com vistas a se incluir entre os que procuraram uma língua de sabor nacional.

Nesse ponto, afastava-se bastante de Gonçalves Dias, pois desprezara a arraigada tradição do nosso comportamento literário. O impulso

lírico e a dignidade artística bem conciliada em suas melhores produções bastariam para aproximar dele qualquer leitor moderno ou mais familiarizado com a linguagem poética e com a imagística mais espontânea.

Até aí, no entanto, talvez ainda estivéssemos sem o contágio de sua atmosfera pessoal, a que não daria para identificar e descobrir a sua essência. O melhor desta essência estará nas entrelinhas, quando o apelo de suas confidências quer nos levar à participação de um drama que nos vai ferir também. É quando surpreendemos o poeta em sua fisionomia inteira – a exterior e a secreta – que ficaremos presos por entranhados elos de solidariedade comovida, totalizada:

Estou agora triste. Há nesta vida
Páginas torvas que se não apagam.
Nódoas que não se lavam... se
esquecê-las

De todo não é dado a quem padece
Ao menos reata ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltai uma vez, eu sofro tanto!
Meus sonhos, consolai-me! distraí-
me!

Anjos das ilusões, as asa brancas
As névoas puras, que outro sol matiza,
Abri ante meus olhos que abraçei
E lágrimas não têm que a dor do peito
Transbordem no momento...

E tu, imagem,
Ilusão de mulher, querido sonho,

Na hora derradeira, vem sentar-te,
Pensativa, saudosa, no meu leito!

Ilusão, ideal, - a ti meus sonhos,
Como os contos a Deus se erguem
gemendo!

Por ti meu pobre coração palpita,
Eu sofro tanto! Meus exaustos dias
Não sei por que logo ao nascer
manchou-os

De negra profecia um Deus irado.
Outros meu fado invejam. Que
loucura!

Que valem as ridículas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos
mimos

De gente que não ama? Até o gênio
Que Deus lançou-me à doentia fronte,
Qual semente perdida num rochedo
Tudo isto que vale, se padeço?
(AZEVEDO, 1982, p. 218)

No que concerne à tese de Sílvia Romero (1953), aludida, sucintamente, no início deste artigo, podemos refutá-la, pois a poesia de Álvares de Azevedo não revela nenhuma impregnação afetiva e enfática da realidade nacional ou do momento histórico em que viveu. E sua obra comprova isso. Em conformidade com Afrânio Coutinho (1979), esporádicas ou meramente circunstanciais são as manifestações do intuito da nacionalidade que arrebataram momentaneamente o subjetivismo lírico do poeta. No entanto, pulsava nele uma consciência social e cívica, e disso é um exemplo admirável o poema dedicado a Pedro Ivo, mas distraído pelo cosmopolitismo intelectual.

Nesse poema, Álvares de Azevedo fustiga os erros decorrentes das paixões políticas, invectivando as repressões e punições postas em prática contra os chefes da Insurreição Praieira, ensaiando posições antimonárquicas, embora em tom respeitoso, quando tratava D. Pedro II de “Senhor”. Eis o poema:

Perdoai-lhe, senhor! Ele era um
bravo!

Fazia a face descorar do escravo
Quando ao sol da batalha a frente
erguia,

E o corcel gotejando de suor
Entre sangue e cadáveres, corria!
O gênio das pelejas parecia...
Perdoai-lhe, senhor!
Onde mais vivo em peito mais valente
Num coração mais livre o sangue
ardente

Ao fervor desta América bulhava?
Era um leão sangrento que rugia:
Da guerra nos clarins se embriagava
E nossa gente pálida se recuava
Quando ele aparecia!
Era filha do povo – o sangue ardente
Às faces lhe assomava incandescente
Quando cismava do Brasil na sina...
Ontem - era a lâmina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!
(AZEVEDO, 1982, p. 397-398)

Este poema expressa a rebeldia juvenil de Álvares de Azevedo. O poeta era liberal e anarcoide. Era também maçom, mas maçom romantizado. Tinha sentimento republicano e estava ciente das ideias liberais que se disseminavam pela Europa.

Confrontadas, porém, com a ideologia bolorenta do grupo de Magalhães, esse posicionamento radical do jovem Álvares de Azevedo significa um passo avante na formação de uma corrente democrática que, no âmbito das Academias de Direito e das sociedades secretas, fazia oposição (ainda que retórica) ao imobilismo monárquico e aos abusos do clero.

Pedro Ivo, exaltado por Álvares de Azevedo, era o herói da Revolução Praieira de Pernambuco, que, perseguido, se escondeu no interior do estado, entregando-se aos legalistas da monarquia, acreditando que seria anistiado, engodo que não demorou a perceber durante a prisão no Rio de Janeiro, de onde fugiu para morrer em meio à viagem com destino à Europa.

Pedro Ivo tentara implantar com a Revolução Praieira, de norte a sul e vice-versa, as ideias ultraliberais. Essas ideias já voavam de norte a sul, e Pedro Ivo tentara torná-las efetivas, concretas com a revolução. E isso empolgou muito os estudantes de Direito de São Paulo e Olinda.

Além desses ecos políticos, há também emanções nativas na obra de Álvares de Azevedo. O poeta não deixou de ser sensível, mesmo que idealmente,

aos apelos tropicais, que, presentes no descritivismo paisagístico, manifestam-se mediante o canto dolente, merencório e magoado do sabiá saudoso, cujo canto o poeta gostava de ouvir nos laranjais do vale e nas matas que conheceu nas viagens a cavalo entre Santos e São Paulo.

Em alguns poemas, podemos vislumbrar cores incendiadas de ardentes sóis crepusculares (“Crepúsculo na Montanha”). O harmonioso e requintado traço pictórico imagístico do poeta sabia como quebrar a incandescência tropical e descerrar os longos véus de sombras que fazem dele o maior pintor de paisagens em lusco-fusco, fossem na “fresca aurora”, “no crepúsculo do mar ou das montanhas”, ou ainda quando os serros fantásticos roxeiam nas tardes de verão”.

Percebemos essas emanções nativas nos primeiros poemas da 1ª parte da **Lira dos Vinte Anos**. Mas essa paisagem era idealizada. No fundo, Álvares de Azevedo sentiu-se esmagado pelo ambiente físico brasileiro. Ele não sentiu entranhadamente a nossa natureza e, longe de exaltar-lhe os encantos ou a selvagem majestade, parece ter vivido, de algum modo, esmagado ou

constrangido pelo ambiente físico brasileiro. (COUTINHO, 1979)

Em 1850, dizia, ao discursar: “Sem uma poesia nacional, como quereis uma nação?”. Apesar de se posicionar assim, o poeta estava “despaisado” demais por sua cultura para dar à arte um significado ou substrato nacional. As ideias e os temas estrangeiros afluíam-lhe ao cérebro sempre que procurava celebrar ou fixar os tipos, episódios ou cenas da vida brasileira. Haja vista o poema “Cantigas do Sertão”, a que principiou por dar uma epígrafe tirada de Shakespeare.

Outro exemplo de negação da paisagem brasileira aparece numa passagem de *Macário*. Este personagem interrompe Penseroso em suas expansões de entusiástico ufanismo e diz que:

“(…) nos mangues e nas águas do Amazonas e do Orenoco há mais mosquitos e sezões do que inspiração: que na floresta há insetos repulsivos, répteis imundos, que a pele furta-cor do tigre não tem o perfume das flores – que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade!” (AZEVEDO, p. 45, 1988)

A natureza hostil, bravia, encheu, em suma, de algum terror a imaginação desse sôfrego adolescente, a quem as leituras estrangeiras apontaram tantas

direções, sem que pudesse encontrar estabilidade em nenhuma delas.

Esmagado pela imagem da vida circunstante, via-se obrigado a se refugiar em suas compensações abstratas. E o fez até a morte, vivendo fechado em si mesmo, isolado, profundamente angustiado, afastado da sociedade e mergulhado nas elucubrações fictícias, abstratas e, sobretudo, bem distante de sua terra da qual era filho dileto e culturalmente conflitado.

A esse respeito, poderíamos indagar: qual é a verdadeira face de Álvares de Azevedo? Provavelmente uma face cosmopolita, pois, no que tange às influências estrangeiras, Byron foi o poeta predileto. E poderíamos, também, perguntar: por que seria Byron seu autor predileto? Deveria haver uma razão mais profunda que a simples moda da época para assim inclinar nosso poeta a mascarar sua alma com roupagem de empréstimo.

Ao que parece, trata-se da tentativa de evasão, de fugir ao próprio “eu” pela criação de uma personalidade fictícia sobre a qual se projetassem os desejos frustrados que compensassem, imaginariamente, a mágoa das deficiências vividas e que ocultassem ao

público e, talvez, ao próprio poeta, o senso íntimo de fracasso.

Byron tinha um grande complexo de inferioridade. Seu cinismo superficial, fanfarronadas, era proveniente desse sentimento. É possível que Álvares de Azevedo tentasse criar para si próprio, talvez como compensação à vida que sentia estreita e frustrada, a ilusão de verdade daquele mundo imaginário.

Sendo único, com uma poesia extremamente individualista, pessoal e

de influência byroniana, perpassada pela dúvida, descrença e desengano, Álvares de Azevedo trouxe às nossas letras o amargor irônico, a inquietação, a melancolia, o pessimismo, que herdou da íntima convivência com os poetas da Europa, principalmente Byron, deixando-se avassalar completamente por ele. E, talvez, por isso, não tenha se tornado o poeta máximo do Romantismo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. 3. ed. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 1999.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Grandes Leituras).

AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

AZEVEDO, Álvares de. **Poemas malditos**. Disponível em NEAD: Núcleo de Educação a Distância, UNAM – Universidade da Amazônia: <<http://www.nead.unama.br>>. Acesso em 20 de maio de 2017.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil. Afrânio**. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

BROCA, Brito. **Românticos, Pré-Românticos, Ultrarromânticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis, 1979.

GOMES, Eugênio. **Shakespeare no Brasil**. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora MEC, 1961.

GOLDSTEIN, Norma Saltzer. **Literatura Brasileira**: estudo de textos. 4. ed. São Paulo: Ática, 1977.

ROCHA, Ailton. **Álvares de Azevedo**: Anjo e Demônio do Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

JOSÉ OSMAR DE MELO

Pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Mestre e Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Graduado em Letras: Português/Francês pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC – Minas. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE –, no Instituto de Letras da UERJ. Professor de Língua Portuguesa, Filosofia e Introdução à Metodologia Científica na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. E-mail: joseosmarmelo@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9792-866X>.